

A entrevista na pesquisa qualitativa em Educação Musical: aportes metodológicos da Sociologia

GTE 24 – Sociologia da Educação Musical

Comunicação

Maria Amélia Benincá de Farias
UFRGS/IFRS
maria.beninca@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta aportes metodológicos da Sociologia para a pesquisa qualitativa em Educação Musical e discute a entrevista como ferramenta de construção de dados. A comunicação relaciona-se com a minha pesquisa de doutorado em Música, com área de concentração em Educação Musical, em andamento. A pesquisa tem como temática os efeitos que a participação em projetos músico-pedagógicos exclusivos para pessoas do gênero feminino, provoca nas mulheres que os organizam. Para a fundamentação metodológica, apoio-me nos aportes da Sociologia para a pesquisa qualitativa. Como ferramenta de construção de dados, a entrevista foi escolhida por possibilitar o acesso e a interação com outras realidades, a partir dos sujeitos que as vivem (POUPART, 2014), e foi desenvolvida a partir das contribuições de sociólogas que se dedicaram tanto a diferenciar a entrevista com mulheres (OAKLEY, 1981, 2015) quanto a compreender as complexas dinâmicas de poder que se estabelecem nessa situação (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996). Após desenvolver a perspectiva metodológica, articulada com cenas do campo, defendo, apoiada em Souza (1996), que o diálogo entre a Educação Musical e a Sociologia pode contribuir para um aprofundamento de questões contemporâneas relevantes e sensíveis, que atravessam e interferem nos processos de transmissão e apropriação musical.

Palavras-chave: Metodologia; Pesquisa qualitativa; Entrevistas com mulheres.

Introdução

A presente comunicação de pesquisa tem por objetivo abordar aportes da Sociologia na pesquisa qualitativa em Educação Musical e desenvolver o uso das entrevistas como ferramenta de construção de dados nesse contexto. Essa reflexão origina-se na minha pesquisa de doutorado em Música, em andamento, com área de concentração em Educação Musical, iniciada em março de 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Jusamara Souza. A pesquisa conta com o apoio institucional do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* Porto Alegre, no qual sou professora, que me concedeu afastamento integral com substituição para dedicação ao doutorado.

A pesquisa

A pesquisa busca compreender os efeitos da participação das mulheres que organizam determinados projetos músico-pedagógicos, exclusivos para pessoas do gênero feminino, na cidade de Porto Alegre, no período de 2019-2020.

A escolha do campo ocorreu em função da movimentação de uma rede de voluntárias em torno da produção de pelo menos três projetos voltados para pessoas do gênero feminino no período. Giddens e Sutton (2017, p. 199) conceituam redes como um conjunto de vínculos informais e/ou formais que conectam as pessoas entre si, sejam em formas de organização mais livre ou na vida social”. A rede de mulheres em questão é um grupo que, a partir de suas disponibilidades e aptidões, mobiliza-se de forma voluntária em torno de um objetivo comum: realizar projetos exclusivos para meninas e mulheres em Porto Alegre, cujas práticas músico-pedagógicas são pensadas especificamente para e em função desse grupo. Nesse caso, considera-se meninas, crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos, e mulheres adultas, pessoas a partir dos 18 anos.

Dois destes projetos são chamados de acampamentos musicais, nos quais participantes com as mais diversas experiências e vivências, reúnem-se junto com um grupo de mulheres mais experientes em música e produção, para formar bandas de rock, aprender um instrumento e compor em um período muito curto de tempo – de quatro dias a uma semana. O terceiro projeto no campo formou-se em função do desejo dessas mulheres de terem mais oportunidades de fazer música entre si e da necessidade de angariar mais fundos para os acampamentos. Trata-se de um karaokê com banda de mulheres, formada por essas voluntárias, que promovem noites de entretenimento, tocando músicas variadas, pedidas pelo público, que é convidado a cantar junto com a banda e fazer doações. O karaokê é o único projeto com alguma abertura para pessoas que não sejam do gênero feminino, uma vez que, enquanto a banda é totalmente formada por mulheres, o microfone é aberto para quem sentir-se convidada ou convidado a participar. Por meio dessas ações, mais meninas e mulheres são encorajadas a envolverem-se em práticas musicais, com a segurança de espaços exclusivos para si. Para as organizadoras, isso ocorre inclusive no karaokê, considerando que a banda é formada por voluntárias com as mais variadas experiências musicais, desde musicistas experientes, até mulheres que estão tendo ali suas primeiras experiências com banda e/ou em determinados instrumentos.

Para alcançar os objetivos propostos, está sendo realizado um estudo qualitativo, a partir da perspectiva sociológica, tendo a entrevista como principal ferramenta de construção de dados.

A perspectiva sociológica na pesquisa em Educação Musical

A abordagem qualitativa adotada nesse trabalho apoia-se na Sociologia. Jusamara Souza já defendia, em 1996, o diálogo entre a Sociologia e a Educação Musical, numa relação simétrica e de equilíbrio entre as duas áreas, onde a Educação Musical procura manter a especificidade de suas problemáticas” (SOUZA, 1996, p. 20). No artigo em questão, Souza, a partir de pesquisas produzidas na Alemanha e, à época, recém iniciadas em Porto Alegre, discorre sobre as possibilidades do olhar sociológico adotado na pesquisa em Educação Musical. Nesse sentido, o que permeia todo texto é que a compreensão sociológica se mostra importante por ser parte de um senso da vida que é peculiarmente moderno, já que apresenta um renovado interesse pelo indivíduo” (SOUZA, 1996, p. 34).

Outro marco na produção da autora no diálogo entre estas duas disciplinas é o artigo publicado em 2004 que articula a ideia das práticas musicais como práticas sociais (SOUZA, 2004)¹. No artigo, Souza fundamenta a música como prática social a partir da socióloga da música Anne-Marie Green, que considera o fato musical como uma comunicação em outro nível, um nível sensorial, simbólico, afetivo que pode estar subjacente à consciência” (GREEN, 1987, p. 2, tradução nossa). Como corrobora Souza, ao traduzir Green:

Não existe objeto musical independentemente de sua constituição por um sujeito. Não existe, portanto, por um lado, o mundo das obras musicais (que não são entidades universais e se desenvolvem em condições particulares ligadas a uma dada ordem cultural), e por outro, indivíduos com disposições adquiridas ou condutas musicais influenciadas pelas normas da sociedade. A música é, portanto, um fato cultural inscrito em uma sociedade dada [...]. (Green, A.-M., 1987, p. 2, tradução de SOUZA, 2004, p. 8).

Na sequência, Souza desenvolve os desdobramentos desse posicionamento para a Educação Musical, tanto na pesquisa quanto na formação e atuação dos professores. Segundo

¹ Em 28/09/2021, o artigo aparecia no Google Acadêmico como o mais citado da autora, com um total de 154 citações.

a autora, pensar na educação musical, nessa perspectiva, [...] significa pensar também nos alunos que estão em sala de aula como sujeitos desse contexto histórico-cultural complexo e dinâmico” (SOUZA, 2004, p. 10). Tal perspectiva amplia-se a todos os sujeitos de práticas musicais, que aprendem e apreendem a música que conhecem, gostam e reproduzem num contexto social complexo, que não pode ser isolado do contexto das práticas musicais em si. Em função disso, a autora vem defendendo o uso das teorias da sociologia da vida cotidiana – espaço onde essas práticas musicais se desenrolam – como uma possível perspectiva teórica para os estudos da área da Educação Musical. Como resume uma citação da autora, já bastante disseminada² pelo seu poder de síntese:

A perspectiva dessas teorias analisa o sujeito imerso e envolvido numa teia de relações presentes na realidade histórica preñe de significações culturais. Logo, a aprendizagem não se dá num vácuo, mas num contexto complexo. Ela é constituída das experiências que nós realizamos no mundo. Dessa maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconscientemente – criamos sentidos e fazemos o mundo possível (SOUZA, 2008, p. 7).

O grupo de pesquisa Educação Musical e Cotidiano, o qual integro desde 2014, vem desenvolvendo a perspectiva da Sociologia da Educação Musical e, de forma mais específica, da Sociologia do Cotidiano na Educação Musical, desde 1996, ano de sua fundação pela Dr^ª Jusamara Souza. Falando especificamente da metodologia, os estudos ligados ao grupo privilegiam abordagens qualitativas, que possibilitam compreender como as pessoas dão sentido à música que ouvem e ‘veem’ no dia a dia e que, de certa forma, lhes oferecem um sentido para si próprias” (SOUZA, 2008, p. 8). A abordagem qualitativa é adequada a estes estudos, porque ela consegue dar conta dos dados que são produzidos sob um olhar que privilegia a experiência dos indivíduos e o contexto cotidiano em que elas se desenvolvem. Tais dados são construídos em um árduo trabalho de campo, pois não apenas se levantam indicadores descritivos de um aspecto pedagógico-musical, mas também porque se pretende descobrir correlações entre diversos fatos objetivos” (Ibidem.). Nessa perspectiva, textos que privilegiam a densidade de dados e de descrições” (Ibidem.) tornam-se fundamentais para a pesquisa.

² Em 28/09/2021, o texto da referida citação aparecia, no Google Acadêmico, citado em 24 artigos.

A entrevista na pesquisa qualitativa

A entrevista na pesquisa qualitativa é, segundo Poupart (2014, p. 215) uma das ferramentas metodológicas mais empregadas nas ciências sociais.

De um lado, as entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais, apostando na capacidade de entrar em relação com as outras. Do outro, essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender, sendo transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações, produzidas pelos discursos (POUPART, 2014, p. 215).

Considerando o objetivo da pesquisa – compreender os efeitos da participação dessas mulheres na organização dos projetos músico-pedagógicos em questão – a entrevista foi escolhida como ferramenta de construção de dados pelo seu potencial em interrogar as realidades sociais. Foram realizadas dez entrevistas, com dez participantes entre dezembro de 2019 e maio de 2020. As questões do jogo e das interações sociais foram trabalhadas a partir da produção de Oakley (1981, 2015) sobre entrevistas com mulheres e de Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996), sobre as dinâmicas de poder na relação entrevistada-entrevistadora.

A entrevista com mulheres

Oakley, socióloga e pesquisadora, publicou em 1980 um amplo estudo sobre a maternidade, do qual resultou algumas reflexões sobre a entrevista com mulheres. Em publicação de 1981, Oakley questiona as características do que os manuais de metodologia, à época, afirmavam ser as de uma boa entrevista. Os questionamentos partiam da sua experiência que, ao conduzir seu estudo de entrevistas, constatou uma grande distância entre o que receitavam os manuais e o que se impunha na realidade (OAKLEY, 1981).

Um ponto muito destacado foi o fato de que a maioria das entrevistadas repetidamente colocava questionamentos à entrevistadora. Os manuais, à época, diziam que o entrevistador jamais deveria dar ao entrevistado qualquer indicação formal das crenças e valores ao entrevistado. Se o entrevistado fizer uma pergunta, desvie” (SJOBORG; NETT, *apud* OAKLEY, 1981, p. 35, tradução nossa). Entretanto, ela afirma:

Seria o eufemismo de todos os tempos dizer que achei muito difícil evitar responder a essas perguntas da maneira mais honesta e completa possível [...]. Eu estava pedindo bastante - não apenas 8, 9 horas de entrevistas, mas confidências sobre assuntos altamente pessoais, como sexo e dinheiro e sentimentos 'reais' (possivelmente negativos ou ambivalentes) sobre bebês, maridos, etc. [...] tudo isso no interesse da "ciência" ou de algum livro que poderia se materializar com a pesquisa - um livro que muitas das mulheres entrevistadas não leriam e nenhuma lucraria diretamente (embora esperassem não perder muito) (OAKLEY, 1981, pp. 43-44, tradução nossa).

Considerações como essas me deram mais segurança para levar as entrevistas adiante de uma forma que eu conseguiria me sentir confortável. Eu não entrevistei nenhuma das participantes por tantas horas (a média de duração das entrevistas foi de uma hora e meia), mas passei muito tempo na companhia delas. Durante o isolamento imposto pela pandemia da COVID-19, com algumas das entrevistadas eu participava de reuniões semanais em grupo, em função de outros projetos, que facilmente ultrapassavam três horas. Havíamos construído, no curso de uma convivência consistente há pelo menos seis meses, diferentes relações, que não entrariam em suspensão no momento da entrevista. Pelo contrário, elas eram um elemento daquela situação e fazia apenas sentido que, como pessoas implicadas em uma relação, eu respondesse suas questões, tanto quanto elas estavam respondendo às minhas. Isso não significa que a entrevista era uma conversa comum, porém gravada. Entrevistei cada uma das participantes seguindo uma estrutura de tópicos, procurando passar pelas principais temáticas centrais com todas, de forma que as entrevistas formassem um todo coerente. Mas entre um tópico e outro, dúvidas eram tiradas, lembranças comuns relembradas e algumas polêmicas debatidas. Nessa perspectiva, as entrevistas revelaram-se conversas muito ricas e intensos momentos de aprendizados para a pesquisa, justamente pela abertura em reforçar, ao invés de ignorar, a relação que já havíamos estabelecido.

Assim, o resultado da entrevista deixa de ser um movimento unidirecional, da entrevistada dando informações à entrevistadora, para tornar-se efetivamente uma colaboração entre pesquisadora e participantes da pesquisa. Poupart (2014) apresenta essa perspectiva como um dos argumentos epistemológicos que tem justificado o uso da entrevista. A partir desse ponto de vista, as análises dos fenômenos estudados tornam-se o resultado de uma construção mútua, o produto de um diálogo entre o pesquisador e as pessoas pesquisadas. As interpretações seriam, desde então, o fruto de um acordo entre pesquisadores e participantes da pesquisa” (POUPART, 2014, p. 220).

A compreensão da entrevista como uma colaboração, entretanto, pode disfarçar questões de poder implícitas que efetivamente estabelecem-se nesses encontros – questões que são retomadas e reavaliadas por Oakley em um segundo artigo sobre entrevista com mulheres (OAKLEY, 2015). Nessa retomada, a autora reconhece que a ideia de que uma “sororidade” na entrevista entre mulheres poderia equilibrar a balança do poder era um pensamento ingênuo, fruto da atmosfera política da época (Ibidem, p. 198). A autora explica:

A amostra estudada no projeto de transição para a maternidade foi escolhida “para garantir um grau de homogeneidade cultural nas atitudes culturais” (Oakley, 1980: 99); as mulheres eram todas jovens (18-31 anos) e tinham parceiros; a maioria tinha ocupações profissionais, gerenciais ou não-manuais. As duas entrevistadoras eram jovens, em relacionamentos e de classe média. A ‘homogeneidade cultural’ não dissolveu o desequilíbrio de poder inerente à situação da entrevista, mas, pelo menos em alguns casos, reduziu a distância social (OAKLEY, 2015, p. 198, tradução nossa).

A perspectiva de Oakley interessa a essa pesquisa por esta encontrar-se em uma situação semelhante. As mulheres colaboradoras da pesquisa e eu temos muitas características sociais em comum e, embora isso tenha diminuído a distância social entre nós, não impediu que questões relativas à manutenção do poder em cada situação de entrevista também se estabelecessem, como descreverei a seguir.

Cenas do campo: dinâmicas de poder e a entrevista como um presente

Oakley discute a questão do poder nas entrevistas em diálogo com Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996). A partir de suas experiências como pesquisadoras e entrevistadoras, as autoras articulam algumas proposições sobre a entrevista, também questionando algumas ideias que encontravam na literatura à época. Seu principal argumento gira em torno do fato de que as dinâmicas de poder na entrevista são complexas e não estão fixadas nem na entrevistadora, nem na entrevistada, mas variam de acordo com os diferentes momentos da entrevista.

O primeiro contato, bem como a marcação de data e local das entrevistas, é posto como um momento em que o poder pende para o lado da entrevistada – a quem cabe aceitar ou não o convite para participar, bem como indicar, à sua conveniência, um dia e local para sua entrevista (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996). Embora pareça óbvia, tal questão precisa ser mais explicitada nos estudos com entrevista, uma vez que eles dependem

completamente do aceite e da colaboração das entrevistadas para ocorrerem. Na presente pesquisa, por exemplo, embora nenhuma colaboradora tenha se recusado a participar, algumas, mais hesitantes diante da ideia de serem entrevistadas, lançaram mão de estratégias que dificultaram as entrevistas de ocorrerem, como, por exemplo, remarcar as entrevistas diversas vezes até efetivamente comprometer-se com um dia e horário.

Uma vez iniciada a entrevista, as autoras apontam os primeiros momentos como essenciais para determinar as dinâmicas de poder, processo que pode ser particularmente demorado (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996). Ilustrativa dessa situação, na presente pesquisa, está o caso de uma das colaboradoras que, no dia marcado para a entrevista, verbalizava estar muito insegura e nervosa, postergando o início por cerca de meia hora, desviando a conversa para outros assuntos, até finalmente decidir que estava pronta para começar. No encontro com outra colaboradora, situação semelhante ocorreu e antes de iniciarmos, conversamos muito e procurei esclarecer todas suas dúvidas com relação à entrevista. Ela não retirou seu aceite em participar, mas não autorizou a gravação. Após um breve segundo em que me senti bastante vulnerável diante da minha primeira recusa, perguntei se ela se importaria então que eu tomasse notas e que ela corrigisse as notas posteriormente, ao que ela concordou. Essa entrevista é um ponto fora da curva quando comparada à quantidade de dados construídos nos outros encontros que puderam ser gravados (e que, portanto, não dependiam da minha capacidade de tomar notas e de lembrar para gerar um relatório), porém sua recusa em ser gravada e o relato emocionado que ela entregou em seguida deixaram uma impressão muito forte na minha experiência como pesquisadora-entrevistadora e ainda serão objetos de uma reflexão e análise mais aprofundados.

Em estudos com entrevistas, Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996) destacam a importância de, durante o processo, estar sempre atenta e sensível às reações que se pode provocar nas pessoas entrevistadas, dada a grande possibilidade de a entrevista alcançar questões pessoais e nem sempre fáceis de se lidar. No caso dessa pesquisa, essa possibilidade talvez não fosse tão óbvia para a maioria das colaboradoras, que poderiam entender que a entrevista, por ter como tema os projetos músico-pedagógicos nos quais elas estavam envolvidas, não chegaria a camadas mais internas de sua subjetividade. Entretanto, a pesquisa perguntava os efeitos dessa participação, então um olhar para si mesma seria inevitável. Penso que as colaboradoras mais hesitantes em participar talvez estivessem particularmente

cientes dessa questão. Um estudo de entrevista, que cobre significados pessoais e pede um olhar sobre si mesma, não está demandando pouco de suas colaboradoras e, eventualmente, nem todas as participantes poderão ter isso claro quando aceitam participar da pesquisa. Como apontam as autoras, ao refletirem sobre os próprios trabalhos:

Esses significados pessoais foram investigados com discrição, mas, mesmo assim, as entrevistadas foram sendo conduzidas a um modo reflexivo e solicitadas a revelar coisas que elas podem não ter antecipado discutir [...]. Há, então, uma questão de poder inerente em tal situação. Não importa quão louvável fossem as intenções das entrevistadoras, era inevitável que as participantes fossem solicitadas a expor suas estruturas pessoais de significação, as quais eram retiradas como dados ou texto a serem analisados. O fato de a entrevistada e a entrevistadora terem o poder de encerrar o envolvimento no projeto em qualquer fase minimizou apenas parcialmente o potencial de exploração das questões pessoais das entrevistadas (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, pp. 455-456, tradução nossa).

Não só o que as entrevistadas são levadas a revelar, mas também que significados serão desvelados a partir da análise, também é uma questão sensível. Em um estudo de entrevistas, a análise dos dados é o momento em que o equilíbrio de poder pende, indiscriminadamente, para a pesquisadora e entrevistadora (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996) Nessa etapa, “significados escondidos” podem surgir; significados estes com cuja construção as participantes talvez não esperassem colaborar (Ibidem., p. 457).

Esse ponto é especialmente complexo quando falamos de um projeto músico-pedagógico que, segundo o relato de diversas colaboradoras, fez tanta diferença na vida de várias mulheres e o qual é constantemente apresentado como algo que é essencialmente “bom” (usando as palavras de uma das próprias entrevistadas). Entretanto, é um compromisso da pesquisa social analisar os fenômenos tais quais eles se apresentam, e, ao se buscar analisar e compreender tantos aspectos quanto possíveis de uma situação, é bastante provável que nem todos serão positivos. Embora isso não seja necessariamente um problema, mas apenas mais um elemento da complexidade da própria existência social, nem desqualifique tudo de bom que o projeto efetivamente faz, a constatação de que questões problemáticas relevantes colocam-se mesmo numa proposta que parece ser tão boa, não chega sem causar algum choque – como causou em mim mesma quando comecei a “tropeçar”

nesses pontos. A questão ética que se coloca aqui é: as colaboradoras estavam cientes disso quando concordaram em participar da pesquisa?

Como registrado nas gravações das entrevistas, nossos encontros iniciavam com a assinatura do termo de autorização para gravação e com uma longa introdução minha sobre o que significava participar de uma entrevista em uma pesquisa qualitativa, especialmente para aquelas que nunca haviam participado de uma. Durante a entrevista e ao fim, também as colaboradoras fizeram mais perguntas sobre a pesquisa e demonstraram interesse pelo trabalho – mais de uma afirmou que gostaria de estar na defesa da tese. Entretanto, é razoável afirmar que tal abordagem ainda não é o suficiente para afetar o desequilíbrio de poder que acontece na etapa de análise. Para mitigá-lo, ainda que parcialmente, as autoras sugerem voltar constantemente às entrevistadas para possibilitar que elas validem ou refutem os achados (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996). As autoras fizeram isso através da realização de diversas entrevistas. No caso dessa pesquisa, apenas uma entrevista foi feita com cada colaboradora. Entretanto, durante minha permanência no campo, eu conversei constantemente com as mulheres participantes da pesquisa – em especial, sete delas, com quem sigo trabalhando em outros projetos – sempre expondo as questões problemáticas que encontrava. A recepção delas diante dos problemas postos tem sido o de dialogar mais, compreender e, eventualmente, dedicar-se a buscar soluções para tais questões. Com relação às demais três mulheres participantes, duas optaram por afastar-se definitivamente dos projetos e uma delas mudou-se para o exterior, diminuindo o contato com o grupo em função dessa mudança. No caso dessas três participantes com quem tive menos contato desde então, a metáfora de Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996) da entrevista como um presente faz ainda mais sentido.

A ideia do presente como metáfora da dinâmica de poder encontra-se na decisão de dar (ou não) o presente e no poder de ter uma atitude ética e respeitosa (ou não) com relação ao presente que é dado. Nas palavras das autoras:

[...] é útil conceituar a entrevista como um *presente* de tempo, de texto e de compreensão que a entrevistada dá à entrevistadora. As medidas tomadas para equalizar as relações de poder não podem contornar o fato de que a entrevistada tem o poder de dar ou não dar [o presente]. Por outro lado, esse presente está sendo confiado aos cuidados da pesquisadora, pois há um ingrediente de confiança, por parte das entrevistadas, de que a pesquisadora não as trairá, abusará de seu poder ou fará mau uso de suas palavras. A adoção da metáfora de um presente obriga a pesquisadora a tratar os dados

com certo respeito e a ser continuamente sensível a quem dá o presente. A noção de presente não sugere uma relação de poder unidirecional na qual a pesquisadora é uma receptora passiva das histórias das entrevistadas, mas, ao contrário, demanda uma reconceitualização da pesquisadora como condutora das histórias das entrevistadas, dando às entrevistadas uma voz na literatura e na comunidade (LIMERICK; BURGESS-LIMERICK; GRACE, 1996, p. 458, grifo no original, tradução nossa).

Enquanto para sete das dez colaboradoras, o acompanhamento constante no andamento da pesquisa traz mais segurança para a ética das interpretações feitas de suas palavras, no caso das três mulheres que se afastaram, suas palavras foram deixadas sob minha responsabilidade, com a confiança de que eu irei fazer um uso ético das histórias que elas me contaram. É possível que eu não chegue às interpretações que elas desejariam, mas eu preciso que elas confiem que são interpretações que objetivam chegar a uma melhor compreensão do fenômeno e, num último nível, a um entendimento que contribuirá de forma positiva para o mundo social, nos aspectos com os quais a pesquisa se compromete.

Considerações finais

A intenção desta comunicação é compartilhar algumas reflexões e abrir para discussão uma construção metodológica em andamento. A Sociologia estuda este ambiente social que existia antes de nós e continuará aqui quando partirmos³ e a música é uma presença constante e importante nesse espaço (GREEN, 1987; SOUZA, 2004). O uso dos aportes da Sociologia na pesquisa na Educação Musical mostra-se promissor pelas afinidades que existem entre as áreas, uma vez que a Educação Musical, como campo de conhecimento, ocupa-se com as relações entre a(s) pessoa(s) e a(s) música(s) sob os aspectos da apropriação e transmissão” (KRAEMER, 2000, p. 51), e que tais relações estão entranhadas no mundo social, atravessadas por um amálgama complexo de significados que construímos e que nos constroem como sujeitos.

Assim, alinho-me à Souza (1996, p. 13) ao compreender que a construção teórica da Sociologia da Educação Musical, está assentada nas necessidades pedagógicas-musicais da atualidade”. Tal afirmação, que já fazia sentido na atualidade” de 25 anos atrás, torna-se

³ Para um maior aprofundamento da disciplina da Sociologia para os não-sociólogos, recomendo a leitura de Sociologia, de Ken Plummer (2015).

ainda mais urgente considerando a complexidade das relações sociais dos indivíduos, na contemporaneidade. A temática desta pesquisa, que lida com questões de estereótipos de gênero atravessando práticas músico-pedagógicas, é um exemplo da complexidade dos temas emergentes, que podem se beneficiar de uma perspectiva sociológica, como ciência dedicada a compreender a sociedade, sem perder de vista a Educação Musical como “ciência mãe” no horizonte da pesquisa (SOUZA, 2020, p. 16-17).

Referências

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Phillip W. *Conceitos essenciais da sociologia*. Tradução Claudia Freire. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2017.

GREEN, Anne-Marie. Les comportements musicaux des adolescents. *Inharmoniques*. *InHarmoniques: Musiques, Identités*, v. 2, 1987. Disponível em: <<http://articles.ircam.fr/textes/Green87a/index.html>> Acesso em: 27 jun. 2021.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 49-73, abr./nov. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9378/5550>> Acesso em: 22 abr. 2021

LIMERICK, Brigid; BURGESS-LIMERICK, Tracey; GRACE, Margaret. The politics of interviewing: power relations and accepting the gift. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 9, n. 4, p. 449-460, 1996. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0951839960090406>> Acesso em: 12 jul. 2021

OAKLEY, Ann. Interviewing women: a contradiction in terms. In: ROBERTS, Helen. *Doing feminist research*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1981. p. 30-61

OAKLEY, Ann. Interviewing women again: power, time and the gift. *Sociology*, Londres, v. 50, no. 1, p. 195-213, 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038515580253>> Acesso em: 22 abr. 2021

PLUMER, Ken. *Sociologia*. Trad. de Rogério Waldrigues Galindo. São Paulo: Saraiva, 2015.

POUPART, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. de Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 127-153

SOUZA, Jusamara. A Educação Musical como campo científico. *Olhares e Trilhas*, Uberlândia, v. 22, no. 1, p. 9-24, jan. abr. 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/53720/28637>> Acesso em: 22 abr. 2021

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 7-12

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 38-44, mar. 2004. Disponível em:

<<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/356/285>> Acesso em: 27 jun. 2021.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da Sociologia para a pesquisa em Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 5., 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: ABEM, 1996. v. 1. p. 11-40.